

QUAL O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO PARA OS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

**Luciana Almeida Severo Ferreira¹
Dóris Pires Vargas Bolzan²**

Este artigo se originou do trabalho de monografia intitulada *Avaliação: Os professores sabem seu real significado?* que tem por finalidade compreender em que medida os professores dos Anos Iniciais de uma escola privada da periferia de Santa Maria, entendem a avaliação que praticam dentro da sala de aula, identificando seu papel perante os alunos e seus familiares.

A abordagem do fenômeno educativo, foi tratada através de uma análise qualitativa, embasadas nos princípios do Método Etnográfico (ANDRÉ, 1995)

Houve inserção da pesquisadora, na realidade escolar a fim de coletar informações, através de entrevistas semi-estruturadas, além de levantar possibilidades de ação para conhecer as concepções que os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da própria instituição pesquisada, possuem sobre a avaliação praticada com seus alunos.

Realizamos observações em sala de aula que tiveram como foco o olhar do professor para com os alunos, a motivação de ensinar. O modo de avaliar os educandos, bem como o modo de avaliar sua prática pedagógica.

Também subsidiariamente utilizamos fontes bibliográficas, livros e textos sobre o tema pesquisado para construção de análise desse estudo.

¹ Autora da monografia e aluna do curso de Especialização em Gestão Escolar do Centro de Educação da UFSM.

² Orientadora da monografia que originou este artigo.

Nos dias de hoje, o termo avaliar tem sido associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Nessa perspectiva a educação é imaginada como simples transmissão e memorização de informações prontas e o educando é visto como um ser paciente e receptivo.

Porém, os desafios emergentes frente ao novo milênio exigem um homem polivalente, criativo, e não um homem qualificado na filosofia do adestramento, da repetição, da memorização. Para tanto, precisamos dar-nos conta de que não basta receber os alunos na escola, não basta dar aulas, é preciso comprometer-se. Comprometimento este, que nos impulsiona ao conhecimento do aluno, e quando dizemos conhecer, queremos dizer reconhecê-lo como uma pessoa com direitos e interesses a serem respeitados.

Deste modo a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando. Nessa abordagem o educando é um ser ativo e dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento.

Nesse ponto de vista a avaliação admite um significado orientador e cooperativo. A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino e aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica (HOFFMANN, 2001)

Assim, a educação escolar muito tem a contribuir na formação do indivíduo e, conseqüentemente, a prática avaliativa que se baseie num paradigma crítico que reflita um ensino que busque a construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, destacamos neste artigo, a questão da compreensão do professor frente à avaliação, que é motivo de reflexão e tomada de consciência, a fim de facilitar a mediação no processo ensino-aprendizagem de forma emancipatória e não excludente como temos observado.

Dentro dessa visão, o ato de ensinar e de aprender, consiste na realização de mudanças e aquisições de comportamentos motores, cognitivos, afetivos e sociais, e o ato de avaliar consiste em verificar se eles estão sendo realmente atingidos e em que grau se dá essa consecução, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção do seu saber.

Assim, a avaliação assume uma dimensão orientadora, pois permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar progredindo na construção do conhecimento. A forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor em sua relação com o aluno. Por exemplo, um professor autoritário e inseguro poderá ver na avaliação uma arma de tortura ou punição para alunos apáticos ou indisciplinados.

Nesse sentido, temos percebido professores preocupados com a avaliação como instrumento de pressão, controle do comportamento do aluno, fixado nas respostas certas/erradas dos educandos, dando ênfase mais ao resultado como produto e não compreendendo a aprendizagem como processo. Muitas vezes são realizadas avaliações como julgamento de capacidades, sem nada a contribuir ao desenvolvimento do educando, não sendo levado em conta a individualidade do aluno.

Esta postura tradicional que classifica os educandos ao final de períodos em aprovados e reprovados tem sido uma prática constante nas instituições escolares. Assim, acreditamos que os professores necessitam repensar sua prática pedagógica, a fim de reconstruírem formas de desenvolver suas atividades didáticas, avaliando a aprendizagem dos alunos e com isto melhorando, tanto o

ensino, quanto a aprendizagem. A avaliação não serve para avaliar somente o aluno, mas também para avaliar o professor e a equipe pedagógica da qual faz parte.

A escola, como instituição de ensino que está inserida em uma sociedade que apresenta mudanças constantes em suas estruturas políticas, sociais, econômicas e principalmente educacionais, precisa centrar cada vez mais na busca de alternativas para atender a sua demanda de educandos, permitindo assim, sua atuação na sociedade. Necessita elaborar coletivamente os procedimentos de condução de seus trabalhos, abrindo mais espaços para tomada de decisões, repensando em conjunto o processo de ensinar e de aprender.

A proposta de transformação desse processo não pode ser aceito por uma minoria, todos os professores e demais membros das escolas precisam buscar essas mudanças para que haja um ensino de qualidade e não uma mera soma de quantidades que se resumem em notas, aprovações ou reprovações. Logo, necessitamos buscar, além da construção coletiva desse processo, o prazer em “dar” aula, bem como a alegria do aluno por estudar.

Há no entanto, uma grande dificuldade, por parte dos professores, em compreender a avaliação como parte do processo de ensino e de aprendizagem, mesmo sabendo, teoricamente, a função da avaliação na ação educativa.

Desse modo, justificamos a importância deste trabalho, objetivando compreender o significado da avaliação para os professores dos Anos Iniciais de uma escola privada, localizada na periferia de Santa Maria.

A fim de buscar base teórica para desenvolver este estudo, fez-se necessária uma revisão bibliográfica relacionada ao ensino, a aprendizagem e a avaliação escolar.

→ O ESTUDO

a metodologia utilizada caracterizou-se por uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico compondo-se de dados coletados predominantemente descritivos, envolvendo pesquisadora e situação estudada.

Participaram deste trabalho de pesquisa, quatro professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo as informações sido levantadas através de entrevistas semi-estruturadas e observações.

Assim, realizamos observações nas salas de aulas, a fim de entender como os professores pensam o processo avaliativo que praticam com seus alunos. Para isso, foram necessárias muitas observações e conversas com os docentes. Estas observações foram realizadas quinzenalmente, desde março deste ano, em turmas de primeira à quarta série do Ensino Fundamental, sendo que, durante este período, houve por diversas vezes, intervenção da pesquisadora, já que também é o seu local de trabalho; esse aspecto facilitou em muito a realização da pesquisa.

Durante o decorrer do tempo, encaixamo-nos nos horários “disponíveis” dos professores e foram acontecendo as entrevistas. Enquanto os alunos eram assistidos por outros profissionais (Informática, Sor, Biblioteca, Música), aproveitamos e realizamos as entrevistas em uma das salas da ala administrativa da escola.

→ OS SUJEITOS

QUADRO DEMONSTRATIVO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Professor	Idade	Formação	Tempo de experiência	Tempo na instituição
A	25 anos	Pedagogia Séries Iniciais e matérias pedagógicas do 2º grau; Pós-graduação em Pedagogia.	Um ano e meio	Um ano e meio
B	32 anos	Magistério; Letras; Especialização em Gestão Escolar.	Oito anos	Sete anos
C	31 anos	Magistério; Pedagogia Habilitação Magistério.	Doze anos	Sete anos
D	30 anos	Pedagogia Séries Iniciais.	Um ano e meio	Um ano e meio

→ OS ACHADOS

Os professores entrevistados não demonstraram desconforto ao responder as perguntas, muito pelo contrário, ficaram bastante à vontade, até porque já conheciam a pesquisadora, o que proporcionou uma conversa mais informal e agradável. As falas foram gravadas e transcritas de maneira fidedigna.

Através das manifestações dos professores, foi possível notar que eles possuem uma concepção de avaliação que contempla o aluno como um todo. Possuem segurança ao dizer que a avaliação serve para rever o que foi aprendido pelo aluno e o que ainda falta para aprender. Ficou claro que para eles, ensinar e aprender são elementos que não se separam, pois acreditam que a aprendizagem é uma constante, tanto na vida do professor, quanto do aluno.

Ainda foi possível evidenciar uma preocupação dos professores em atender e entender o aluno durante todo o processo de ensino e de aprendizagem, sendo que, a maioria destes professores faz o possível para que esse entendimento aconteça, para assim nortear a sua prática e, com isso, favorecer a aprendizagem do educando.

Percebemos que para estes professores, na avaliação da aprendizagem predominam os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Assim, a avaliação tem uma finalidade diagnóstica, voltada para o levantamento das dificuldades dos alunos, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didáticos ou até mesmo dos objetivos.

Foi possível perceber, nas manifestações dos professores, que existe uma grande preocupação em buscar avaliar o aluno em todos os momentos possíveis, apesar de que, através das observações feitas, notamos o grande número de crianças por sala, o que dificulta, sem dúvida, esse tipo de *cuidado* com a sua

avaliação. Porém, notamos algo de muito positivo, cada professor possui um caderno de registro, no qual, diariamente, são anotadas as dificuldades e facilidades encontradas por seus alunos em determinado conteúdo ou atividade, bem como seu estado emocional, comportamental, seus progressos, enfim, qualquer coisa que possa chamar a atenção do professor em relação àquele sujeito observado. Como já mencionamos anteriormente, é grande o número de alunos por sala, o que dificulta o registro sobre o desempenho de todas as crianças, todos os dias, assim, os professores optaram por registrar cinco (5) alunos diariamente, sendo que não precisam necessariamente seguir a ordem do caderno. Esse caderno é, sem dúvida, uma ferramenta bastante importante para o educador, pois os auxilia na hora de redigir o parecer descritivo. As declarações destes professores confirmam isso, pois elas revelam que estes escritos sobre os momentos de aprendizagem, de vida na escola de cada criança/aluno, são de fundamental importância para que não se corra o risco de perder informações significativas de cada um deles.

Nesse sentido, possuem clareza de que é necessário mudar a essência, postura, concepção, e não só a aparência da avaliação. De nada adianta mudar a cor da caneta ou o nome da prova, se a intencionalidade do educador não for clara - não sofrer mudanças. Muitas vezes, por ter algum problema de aprendizagem, o aluno é visto como incompetente, indisciplinado, lento, fraco por alguns professores que em sua formação aprenderam a perceber no aluno apenas o erro e não o acerto, sem levar em conta que o erro pode tornar-se um elemento pedagógico para a aprendizagem.

Nessa mesma direção, concluímos que o principal papel da avaliação da aprendizagem, para a maioria dos professores pesquisados, é contribuir para o aluno superar suas necessidades a partir de mudanças efetivas nas atividades de ensino e, com isso, contribuir para que todo estudante assuma poder sobre si mesmo, tendo consciência do que já é capaz de fazer e em que precisa melhorar.

É consenso entre os educadores com os quais trabalhamos neste estudo que o aprendizado, na sala de aula não se dá de forma uniforme. Cada um tem seu ritmo, suas facilidades e/ou dificuldades. Afinal, todos são pessoas com características próprias. Esse fato torna o trabalho pedagógico complexo, o que exige mais tempo para o processo de avaliação.

Constatamos, através das observações realizadas, que no planejamento da aula, os professores pensam nas competências que o aluno necessita desenvolver e, na sala de aula, tentam propor atividades interessantes, que possam ser executadas com prazer, proporcionando momentos em que o aluno dê sua opinião, organize seu pensamento, contribuindo para o crescimento próprio e do grupo.

Também foi possível evidenciar que os professores da escola pesquisada preocupam-se em ter objetivos claros, saber o que os alunos já conhecem e preparar o que eles devem aprender, tudo em função de suas necessidades. Selecionam conteúdos e atividades adequadas à sua turma. Todas as sextas-feiras – durante uma hora, param e analisam, cada uma das séries, o que já foi feito, para analisar o desempenho dos estudantes, tentando mudar os pontos deficientes e aperfeiçoando os modos de ensinar, buscando compreender os processos de aprendizagem de seus alunos. Assim, os professores sempre se questionam sobre a melhor maneira de explorar a aprendizagem de seus alunos.

Desta forma, acreditamos que os professores devem estar abertos a mudanças para a melhoria do trabalho, daí a importância da ação - reflexão, pois é preciso estar atento ao que precisa ser mudado no processo para que este siga em frente da melhor forma possível.

Nesse sentido, foi possível evidenciar quando perguntamos o que consideram mais difícil nesse processo, a manifestação sobre a questão da injustiça cometida muitas vezes ao avaliar o aluno, principalmente ao final do ano

letivo, quando se julga o aluno como apto ou não apto para a série seguinte. Destacaram ainda que o fundamental, mas ao mesmo tempo muito difícil, é conhecer integralmente seus alunos, para que assim possam ser menos rígidos na hora de avaliar.

Observamos, nessas posições, a preocupação em conhecer o aluno em meio a tantas dificuldades que hoje se encontra o professor. HOFFMANN (1993) nos diz que é preciso conhecer os alunos se não se vai adiante. É preciso saber como é a história escolar e de vida do aluno, de que tempo e recursos dispõe para estudar, que apoio e orientações recebe, quais seus interesses e dificuldades, como é percebido no contexto escolar e familiar e como se parece nesses contextos.

→ APONTAMENTOS FINAIS

De acordo com as observações realizadas, constatamos que à escola busca conhecer um pouco mais seus alunos através de visitas no início do ano letivo a casa deles, através de conversas informais com os familiares e acompanhamento da organização familiar, pois essas visitas repetem-se sempre quando há necessidade do professor conversar informalmente com os pais dos alunos e saber sobre suas atividades extraclasse e/ou cotidiana. Também acontece de dois em dois meses um encontro de pais com o professor da turma, quando o assunto a ser tratado parte dos pais. Este encontro tem duração de uma hora e é dividido em momentos planejados pelo professor (técnicas de apresentação, brincadeiras, filmes, relatos, conversas, palestras, dança, relax). O importante destes encontros é a integração família - escola, é poder saber o que os pais pensam, quais suas dúvidas e angústias, tanto em relação a seus filhos, quanto em relação à educação e o trabalho escolar.

Observamos, que estes encontros acontecem em dias e horários escolhidos pelos pais, para que assim a maioria possa estar presente. Estes encontros contribuem para que o professor conheça um pouco mais sobre seu aluno, o que sem dúvida colabora para organização e acompanhamento do processo avaliativo.

Através de todo o estudo realizado, percebemos que os educadores da escola pesquisada, não são comprometidos com a aprendizagem dos alunos por acaso, na escola em questão, há um espaço semanal (de uma hora) e outro mensal (de quatro horas), onde é dada a oportunidade do diálogo entre o corpo docente, estudos individuais e em grupos, retiros (onde o professor tem a chance de parar em meio a tanta correria do dia a dia para pensar e refletir sobre sua vida pessoal e profissional), tudo isso visando à melhoria do ensino na Escola, e como consequência, o bem estar de ambos.

Nessa perspectiva, evidenciamos que os educadores da escola em questão, possuem conhecimento da realidade de seus alunos, obtendo, assim, a capacidade de entender, sua atitude, emoções, comportamentos. Lembrando que não se trata de ter “pena” da criança carente, que fracassa na escola, e sim de transformar esse sentimento em profunda solidariedade o que implica ver esta criança como tendo alcançado um determinado estágio de desenvolvimento cognitivo, lingüístico, cultural, afetivo e psicomotor, com direito de avançar alcançando novos patamares de desenvolvimento.

De acordo com este trabalho de pesquisa, temos consciência que os alunos menos favorecidos, são capazes de aprender, apesar de todo seu histórico e dos rótulos sociais recebidos de vida.

Pelo fato de estarmos inseridos nessa comunidade e, de acordo com as observações e entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, é possível afirmar que foi o inconformismo com a discriminação, pela qual passam as crianças da

periferia, onde está inserida a escola pesquisada, a confiança na capacidade de aprender dos alunos, a busca de novas práticas na relação professor - aluno e, principalmente, o fato de tomarem como ponto de partida as experiências, habilidades e conhecimentos que os alunos já desenvolveram em seu ambiente familiar e comunitário, que vários dos educadores da escola pesquisada, norteados por uma postura crítica construtiva, alcançaram resultados positivos.

Partindo disso, fica-nos claro que o professor precisa estar comprometido com o aprendizado do aluno, e assim ser capaz de propor atividades significativas para ele, tendo condições de avaliá-lo como ser total, contribuindo assim para o crescimento integral desse aluno.

Portanto, percebemos que quando a avaliação atende de fato a sua função educativa, a nota já não é o problema. O problema é a cabeça do professor em não saber o que fazer com a nota, pois poderá fazer dela uma marca, um rótulo, uma forma de discriminação ou um indicador do que fazer. Com isso, percebemos que a nota não precisa quantificar o aluno, e sim ser um indicador de qualidade.

Assim, apresentamos este recorte de pesquisa, como uma maneira de contribuir para a busca do significado da avaliação e as conseqüências dessa prática para o processo de aprendizagem do educando.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRÉ, Marli. *Etnografia da prática escolar*. Campinas. São Paulo: Papirus, 4ª edição, 1995.

FERREIRA, Luciana A. Severo. *Avaliação: Os professores sabem o seu real significado?* Monografia apresentada junto ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista. Santa Maria. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* 27ª ed. . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora*. Porto Alegre: Mediação, 1993.

_____. *Avaliação mito e desafio*. Porto Alegre: Mediação, 1991.

_____. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: Queroz, 1990.